

Entrevista com Dirce Maggessi Garcia

Data: 17/08/2012

Tempo do áudio: 0:48:26

Dirce: O vovô era uma pessoa muito curiosa porque o aspecto dele era diferente. Ele era baixinho, tinha umas orelhas grandes, ele era realmente uma pessoa muito interessante e preparada, então, todos gostavam muito de conversar com ele. Ele era muito “dado” e simpático, o que não era o caso do meu pai.

Entrevistadora: Seu pai era o Luis?

Dirce: Papai era o Luis. Realmente ele era uma pessoa muito boa, aqui no Flamengo, todo mundo conhecia o vovô. Depois que ele se aposentou quem fazia as compras da casa era ele. Ele ia para o Lago do Machado, tudo ele fazia...

Entrevistadora: E o nome do seu pai era só Luis?

Dirce: Luis do Amaral Garcia.

Entrevistadora: E o seu pai nasceu aqui também?

Dirce: Sim, nasceu aqui no Rio de Janeiro.

Entrevistadora: No Rio, onde?

Dirce: Em São Cristóvão.

Entrevistadora: Ele nasceu quando?

Dirce: Papai é de... Acho que são 7 de julho, sabe que não me lembro com certeza.

E: O ano?

Dirce: Papai quando morreu estava com 72 anos, mas eu não tenho lembrança da data de aniversário de papai.

Entrevistadora: Era somente ele e a Hilda?

Dirce: Não. Tinha o tio Ascânio que era advogado e delegado de polícia e que era filho de criação de minha avó. Ele era filho de uma parenta dela, que morreu, daí vovó criou o tio Ascânio como filho. Nós éramos muito ligados a tio Ascânio.

Entrevistadora: O tio Ascânio era mais velho?

Dirce: Ele era mais novo que meu pai.

Entrevistadora: Quem era mais velho seu pai ou a sua tia Hilda?

Dirce: Minha tia Hilda, acho que era a minha tia. Porque a titia, inclusive, tinha uma figura muito grotesca, não sei qual era o problema, mas ela não era uma pessoa normal. O aspecto físico não era... Mãe e ela não se davam muito bem. Já tio Ascânio com o vovô, porque a vovó tinha ciúmes da mamãe. Então com isso, as relações eram meio estremecidas.

Entrevistadora: A sua avó era a Joana?

Dirce: A vovó era de Maio, chama-se Rosalina Garcia. A vovó era uma mulher muito chique, muito vaidosa, tudo nela era muito interessante. Eu me lembro que eu gostava de sentar para ouvir as histórias do Vovô. Ele sempre tinha umas histórias diferentes e era sempre muito querido no meio dos advogados, esse pessoal de cartório.

Entrevistadora: Que história ele contava para você?

Dirce: Você sabe que essa altura, está difícil... Vovô era uma pessoa muito simples e não gostava de se exhibir. Então quando faziam alguma homenagem a ele ou alguma coisa, ele ficava muito encabulado, porque ele era uma pessoa humilde e não gostava de aparecer. Mas realmente, ele era muito procurado para dar conselhos, eu lembro que ia muita gente na casa da vovó para pedir conselhos, nessa parte de imóveis também. Uma vida muito simples.

Entrevistadora: Apenas para organizar aqui. Então havia a Hilda o seu pai Luis e o Ascânio?

Dirce: Isso.

Entrevistadora: E a sua avó, mulher do Lysippo, ela era brasileira também?

Dirce: Os dois eram brasileiros, nascidos em São Cristóvão.

Entrevistadora: A senhora tem ideia de como eles se conheceram?

Dirce: Não tenho a menor ideia.

Entrevistadora: A senhora conviveu com o seu avô até que idade?

Dirce: Deixe-me pensar: o meu marido chegou da Guerra, o vovô ficou doente perto do grupo de caça chegar, porque o Marcos era do Grupo de Caça, meu marido. Eu não estou conseguindo me lembrar da data de aniversário do meu avô.

Entrevistadora: Hoje eu fui pesquisar no Arquivo e vi o testamento dele, que fala que ele faleceu em 1945, em julho.

Dirce: É! Foi o meu casamento. Eu casei em 1946.

Entrevistadora: A senhora tinha quantos anos?

Dirce: Quando eu casei eu tinha 16 anos. Casei muito nova. Uma coisa muito interessante era que vovô gostava muito de reunir a família e eu nunca vi um pai e um filho tão

diferentes quanto o meu pai e meu avô. Completamente diferentes, pois vovô era uma pessoa muito dada e gostava das pessoas. Ele mal conhecia, mas já fazia logo amizade. Já papai não. Papai era mais fechado.

Entrevistadora: E ele puxou a quem? À mãe?

Dirce: A vovó era meio esnobe. Não acho que papai tenha puxado a vovó não. A tia Hilda, irmã de papai, ela era excepcional. Ela era pequenininha, baixinha, com isso ela não tinha muito *desconfiômetro* e ela e a mamãe não se davam. Eu, por exemplo, me dava maravilhosamente com a minha sogra e com toda a família de meu marido. Eu tenho a impressão de que a razão de me dar tão bem era porque eu ficava muito triste em ver que a mamãe não se dava com a família de papai. Vovô gostava dela, mas com a vovó o negócio era diferente, porque ela era meio esnobe mesmo.

Entrevistadora: A sua mãe fazia o quê?

Dirce: Mamãe era dona de casa.

Entrevistadora: A sua avó?

Dirce: A vovó também.

Entrevistadora: E o seu pai?

Dirce: Meu pai era advogado e engenheiro. Ele foi trabalhar no cartório com vovô desde muito cedo. Naquela época, pelo que eu soube, o cartório seria de papai por hereditariedade. Mas quando vovô se afastou que era papai assumir, o Getúlio apareceu e tinha um senhor que era médico e do grupo de Getúlio, que deu o cartório para ele. Papai ficou sem o cartório, mas ficou trabalhando para este senhor. Este senhor quis que papai continuasse, pois papai tinha um nome muito bom. Então papai ficou no cartório, que tinha ficado para este médico gaúcho.

Entrevistadora: A senhora sabe que cartório era esse?

Dirce: Não me lembro qual era.

Entrevistadora: E seu avô a vida inteira teve esse cartório?

Dirce: Desde que eu me lembro o vovô nunca exerceu a advocacia, apenas o cartório. Que ele ganhou desse político do Lopes Trovão.

Entrevistadora: Além de oficial de registros e dono do cartório, ele participou de outra instituição, por exemplo, o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro? Outra coisa que eu possa buscar informações sobre ele?

Dirce: Que eu saiba não, porque eu tinha onze para doze anos quando vovô morreu. O meu marido, que era meu namorado, pertencia ao Primeiro grupo de Caça. Tinha chegado da Itália e o meu avô morreu logo depois.

Entrevistadora: Qual o nome do seu marido?

Dirce: Marcos Eduardo Coelho de Magalhães. O meu avô tinha muita admiração pelo meu marido, minha tia. O vovô era uma pessoa muito interessante.

Entrevistadora: A senhora lembra de alguma história curiosa alguma coisa do dia-a-dia de vocês, que a gente possa resgatar?

Dirce: Eu era muito pequena. Eu me lembro que o vovô fazia muita reunião em casa. Ele gostava de reunir grupos de amigos para jantar. Ele era muito disso.

Entrevistadora: Ele era uma pessoa boêmia?

Dirce: Não. Ele era bem quadrado e muito rigoroso em matéria de moral. Muito rigoroso mesmo! Com ele tudo tinha que ser nos conformes, porque ele não aceitava qualquer coisa não.

Entrevistadora: A senhora lembra-se de alguma história de alguém que saiu da linha e ele...

Dirce: Tinha o afilhado dele, que era o pai da minha cunhada que morava no Piauí, quer dizer, no Maranhão, maranhenses que vieram para o Rio porque a mulher dele começou a andar com outra pessoa. E o vovô sempre tentando aconselhar. Eles sempre se aconselhavam com o vovô, porque todo mundo respeitava muito ele. Quando a pessoa não era muito certinha, não chegava a ele de jeito nenhum.

Entrevistadora: A senhora disse que tem uma cunhada que viveu com ele que mora em Itaipava, não é isso?

Dirce: Essa é a nora dele. Não [confusão].

Entrevistadora: É a Dona Eliana!

Dirce: Ah! Esqueci que a Eliana morava em Itaipava. Ela é a mulher do meu irmão. Eles foram morar em Itaipava.

Entrevistadora: Que é filha desse senhor do Maranhão, que era afilhado?

Dirce: É o Doutor Américo Pacheco de Carvalho. Eliana era a filha dele, que era aparentada conosco e acabou namorando o Paulo, o meu irmão, e acabou se casando com ele. Então as famílias ficaram muito ligadas.

Entrevistadora: Quantos irmãos a senhora tinha?

Dirce: Eu tinha dois irmãos e uma irmã. Nós éramos em quatro.

Entrevistadora: Um era o Paulo...

Dirce: O Paulo, o Roberto que era o mais velho e estudante de engenharia, o Paulo que era advogado e Regina minha irmã.

Entrevistadora: Que está em Brasília?

Dirce: Em Brasília, porque o meu cunhado era senador. Foi umas das primeiras pessoas que foi para Brasília.

Entrevistadora: Qual era o nome do seu cunhado?

Dirce: Joaquim Valente. Regina foi logo no início. Papai tinha horror a Brasília. Como isso, mamãe volta e meia, pegava o ônibus para ir até Brasília.

Entrevistadora: Seu avô achava o quê?

Dirce: Nessa época o vovô já tinha morrido, se não me engano. O meu cunhado era muito amigo da minha sogra e a história começou ele me agradando muito, brincava muito comigo, quer dizer, com a minha irmã, e depois ele se casou com ela. Ele era muito mais velho que minha irmã. O vovô não era de se meter na vida de ninguém, de dar palpite, ele podia achar até errado e ficava quieto. Agora, se você pedisse a opinião dele, daí ele dava. Ele fazia muito discurso nas reuniões de família. Ele sempre falava antes. Era uma coisa que eu admirava muito, apesar de ser muito pequena. Eu achava aquilo lindo, porque ele não lia coisa nenhuma e era só falando. Todo mundo achava recíproco, era uma coisa maravilhosa, formidável. Ele tinha um cartaz muito grande, mas ele era uma pessoa simples.

Entrevistadora: Ele era muito estudioso?

Dirce: Sim. Inclusive havia vários livros escritos por ele nessa parte de cartório e registros de imóveis.

Entrevistadora: A Senhora lembra-se de nomes de pessoas importantes com os quais ele se relacionava?

Dirce: Não. Ele fazia muitas reuniões de família. Ele estava sempre junto com a família. Mas não era uma pessoa *society*, não. De jeito nenhum! Até onde me lembro, ele não era.

Entrevistadora: A senhora sabe quais os endereços que o seu avô viveu aqui no Rio de Janeiro? Ele sempre viveu na capital?

Dirce: Sempre. Ele morava em São Cristóvão. Eu não estou lembrando o nome da rua...

Entrevistadora: É a Machado de Assis?

Dirce: Primeiro São Cristóvão, depois ele veio para Machado de Assis e comprou as casas da Rua Machado de Assis. Foi lá que papai casou também e nós todos ficamos lá.

Entrevistadora: Esta casa ainda existe?

Dirce: Não. Agora fizeram um prédio.

Entrevistadora: Você sabe alguma coisa da infância dele? Ele contava alguma coisa...

Dirce: Não posso te dizer porque eu não tenho a menor ideia. Não sei quem eram os pais deles.

Entrevistadora: Nem de onde eles vieram?

Dirce: A criança naquela época, quando os adultos queriam conversar, as crianças tinham que sair. Não podiam ficar perto. Então, eu não me lembro deles falarem da família.

Entrevistadora: A senhora imagina porque ele foi estudar direito em São Paulo? Seu avô estudou na Faculdade de Direito São Francisco.

Dirce: Eu sei que ele estudou lá, mas não sei o porquê. Não sei inclusive dos pais deles se moravam lá ou não, eu não tenho a menor ideia.

Entrevistadora: Onde ele morou, onde trabalhou?

Dirce: Não sei nada disso.

Entrevistadora: Qual era a condição social do seu avô? Ele era uma pessoa de classe média, mais classe alta.

Dirce: Ele era de classe alta. Mas eu gostava muito no vovô era simplicidade dele. Dele ser uma pessoa tão simples, pelo fato dele ser respeitado, procurado, mas fora disso é muito difícil, porque eu era muito pequena.

Entrevistadora: Você não sabe dizer se ele ganhou mais dinheiro ao longo da vida ou permaneceu igual.

Dirce: Ele recebeu uma herança não sei de quem, porque ele tinha parentes em Portugal. Ele foi a Portugal para receber uma herança. Isso mais tarde, eu me lembro de alguém contar. Porém, mais detalhes eu não sei lhe dizer não.

Entrevistadora: Seu avô era católico?

Dirce: Vou lhe dizer uma coisa: todo brasileiro é católico, mas eles não frequentavam a religião, a Igreja. Nem os meus pais. O fato de ser católica é um milagre porque eu não vi isso na minha família. A sorte que o meu colégio foi para Machado de Assis, na rua em que morávamos e comecei a conhecer a religião lá no Jacobina. Era na mesma rua. Fora disso, eu não tenho a menor ideia.

Entrevistadora: A senhora sabe onde o seu avô estudou aqui, o nome de alguma escola. Às vezes eu pergunto repetido porque às vezes a gente acaba lembrando. Eu consegui ir ao

Arquivo do Tribunal de Justiça, onde eu consegui apenas o testamento dele. Ele deixou uma carta dizendo que deixava por lei metade para a mulher e para os filhos.

Dirce: Eu nem sabia desse testamento.

Entrevistadora: Depois eu arrumo uma cópia para a senhora e envio se a senhora quiser. Eles me deram em CD hoje, e olhei rápido antes de vir para cá.

Dirce: Meu irmão mais velho morava com o vovô e a vovó. E vovô era muito ligado a ele. Vovô admirava muito ele e nós sempre moramos muito próximos. Mas eu era muito pequena.

Entrevistadora: A Senhora se lembra da posição política dele, se ele era mais tradicionalista. Nós achamos um documento dele que mesmo depois da proclamação da República ele coloca o Rio de Janeiro como capital do Império. Então, sei lá... Nós interpretamos que talvez ele fosse monarquista.

Dirce: Não acho que ele era monarquista. Não lembro dele falar em política na casa dele. Não me lembro mesmo.

Entrevistadora: Dos assuntos que ele tratava era mais do dia-a-dia...

Dirce: Aquilo que eu dizia a você: criança naquela época, não participava, ficava fora. Tão diferente de hoje...

Entrevistadora: Em um dos livros dele, havia pessoas importantes que colocaram cartas na introdução, dizendo que aquela iniciativa dele foi muito importante. Dentre eles tem o Clovis Beviláqua, um prefeito do Rio de Janeiro...

Dirce: Eu me lembro que tinha um quarto que ficava a parte dos livros todos, que depois que eu voltei dos Estados Unidos, pois eu morei lá, então quando eu voltei para o Brasil a minha mãe foi para a casa de vovó. Vovó foi para a casa que eu nasci, do lado, daí eu me lembro de uns comentários, mas tudo por alto, porque a gente não participava. Vovô gostava muito de ópera, e como a tia Hilda tinha um problema, ele tinha a assinatura do Municipal. Tudo quanto era ópera, eles estavam lá, mas não posso dizer para você que eu tenho um conhecimento tão grande da vida dele.

Entrevistadora: Ele trabalhou até...

Dirce: Até perto de morrer. Ele sempre achou que o cartório era dele. O certo seria papai ter assumido o cartório e com isso ele se afastou. O Getúlio não deu o cartório para o papai e ele estava afastado já.

Entrevistadora: E o seu pai acabou indo trabalhar neste cartório?

Dirce: Meu pai entrou pois ele era para ser substituto.

Entrevistadora: Depois da morte de se avô, alguém chegou a procurar a senhora para homenageá-lo, uma coisa assim para tentar resgatar...

Dirce: Que eu me lembro, não.

Entrevistadora: Ele foi viver com o seu irmão?

Dirce: Meu irmão mais velho que foi morar com a vovó.

Entrevistadora: E porque que seu irmão foi morar com eles?

Dirce: Eu não sei lhe dizer bem. Mas acho que foi por isso. Ele não foi criado conosco, ele ficou com a vovó. Apesar de sempre morarmos ao lado ele morava com a vovó. O vovô, tudo que ele podia fazer, ele fazia para ficar com o meu irmão. Ele tinha uma admiração pelo meu irmão muito grande, ainda facilitava tudo para ele, estudos, coleção de livros. O vovô tinha uma admiração pelo Roberto muito grande, desde que o Roberto era pequeno.

Entrevistadora: Era uma coisa de sintonia mesmo?

Dirce: Era uma coisa curiosa, pois ele não tinha isso conosco.

Entrevistadora: E não tinha ciúmes?

Dirce: Não, que eu me lembre de eu e os meus irmãos nunca tivemos ciúmes. Nós sempre fomos muito unidos. Quando nós éramos pequenos, nós éramos muito agarrados uns com os outros. Eu, por exemplo, era muito agarrada com a minha avó. Ela era minha madrinha. Mas a vovó era meio difícil, não era fácil não.

Entrevistadora: E quando faleceu a sua avó? Foi depois?

Dirce: A minha avó faleceu bastante tempo depois do meu avô.

Entrevistadora: Você já tinha casado?

Dirce: Não eu estava noiva. Aqueles pratos que eu tenho, foi ela que me deu antes deu morrer. Nenhum dos dois viveu para ver os nossos casamentos, só o da Regina. O vovô chegou a ver o casamento da minha irmã Regina.

Entrevistadora: E o seu irmão Roberto?

Dirce: Roberto era solteiro.

Entrevistadora: Não casou?

Dirce: Roberto não casou.

Entrevistadora: Ele faleceu?

Dirce: O Roberto faleceu depois.



Sabina (acompanhante de Dirce): Quando eu cheguei aqui ele tinha falecido uns 6 meses antes. Eu estou aqui faz uns 16 anos.

Dirce: Ah é?

Sabina: Sim.

Entrevistadora: Ele trabalhava onde?

Dirce: O Roberto estudava engenharia.

Sabina: Mesmo depois velho ele dava aula.

Dirce: Ele dava aula de inglês e português.

Entrevistadora: Ele dava aula em alguma escola?

Dirce: Ele dava aula particular. No Rio de Janeiro todo. Era só procurar por ele que marcava-se os horários. Ele era um rapaz muito inteligente e muito preparado para a idade dele também. Ele gostava muito de estudar e ele gostava muito. Acho que era até isso que atraía o vovô. O vovô tinha uma admiração grande por causa disso, dele estudar tanto.

Entrevistadora: Seu avô tocava algum instrumento?

Dirce: Não.

Entrevistadora: Ele possuía outros hobbies?

Dirce: Não. Ele gostava de fazer reunião na casa dele. Isso ele fazia com muita frequência. Convidava parte dos amigos, da família, isso era uma coisa que eu me lembro que ele fazia. Mas a vovó era uma pessoa difícil. Perto da vovó ele era um santo.

Entrevistadora: Ela era difícil por que?

Dirce: Ela tinha um temperamento difícil e me marcou muito, pelo fato dela e mamãe não se darem bem. Então, quando eu comecei a namorar o meu marido e comecei a frequentar a casa dele foi uma coisa que fiz sempre questão, me dar bem com a minha sogra. Aquilo da minha mãe não se dar bem com a minha avó, me machucou e marcou. Essas coisas que a gente não sabe explicar.

Entrevistadora: Pois é, a gente sofre mesmo, quando vemos duas pessoas que gostamos não se darem bem.

Terceira pessoa (masculino): Dizem que quem tem sogra é nora, e que genro não tem sogra.

Dirce: Tem sogra que genro padece

[risos]

Dirce: A minha mãe sempre foi uma sogra maravilhosa, mas tem umas, que eu vou lhe contar... Eu dormia muito com eles. Às vezes tinham que resolver um monte coisas e daí eu acabava ficando por lá. Mas o meu irmão morava com eles. Dos outros dois, eu era a mais ligada com eles.

Entrevistadora: E como era a casa deles?

Dirce: A casa deles era muito alinhada para a época. Um luxo! A casa da Machado de Assis era muito grande e bonita. Dois andares. Tinha uma coisa que eu achava encantador, era uma escadaria de mármore que fazia uma curva, eu achava aquilo de cinema. Era muito bonita e vovô fazia questão de ter tudo do bom e do melhor em casa. Acho que por isso, que a vovó era tão esnobe.

[risos]

Entrevistadora: Vou perguntar algumas informações sobre a senhora, seu nome completo é Dirce Maggessi Garcia?

Dirce: Dirce Garcia Coelho de Magalhães.

Sabina: Isso é de casada.

Dirce: Coelho de Magalhães é do meu marido. Garcia é de papai.

Entrevistadora: O seu marido faleceu quando?

Dirce: O meu marido faleceu tem 10 anos.

Sabina: Primeiro de Julho, ele ia fazer oitenta anos. Lembra?

Dirce: Lembro. Ele ia fazer oitenta anos.

Entrevistadora: Qual a data de nascimento da senhora?

Dirce: 23 de maio de 1929.

Entrevistadora: A Senhora nasceu no Rio de Janeiro, capital?

Dirce: Sou carioca da gema. Eu sempre morei por aqui. Eu nasci na Machado de Assis, aqui perto. Só quando eu fui morar nos Estados Unidos. Foi quando eu tive a pólio. O ministro Nero Moura foi comandante do meu marido e mandou a gente para lá. Porque o meu marido teve a pólio junto comigo, porém somente eu fiquei internada no sul dos Estados Unidos. Ele chegou a ter um pequeno tratamento lá, porém ele se recuperou muito bem .

Entrevistadora: A senhora chegou a ficar quanto tempo por lá?

Dirce: No hospital, um ano. No hospital [? – 0:35:33] fundado pelo presidente Roosevelt, que ele morava na Geórgia, bem pertinho do hospital.

Entrevistadora: A senhora estudou, se formou, ou foi somente dona de casa?

Dirce: Fiz o ginásio, que era a coisa que se fazia antigamente, que é uma coisa que me arrependo, pois eu tinha vontade de ter estudado. Advocacia, porque eu gosto muito, toda essa parte criminalista, eu adoro. Mas naquela época, não se usava, moça não era para sair para fazer faculdade, não era muito bem visto. Precisava ter muito peito e muita coragem para fazer. Depois eu casei muito cedo. Eu casei com 16 anos. Então era praticamente impossível.

Terceira pessoa (feminino): Na época que ela casou, ela teve os dois filhos e logo em seguida teve a pólio.

Dirce: Depois que eu voltei a morar no Brasil que tive mais dores.

Entrevistadora: E seus filhos vivem aqui no Rio de Janeiro?

Dirce: Em São Paulo.

Entrevistadora: Os dois?

Dirce: Não. O Ronaldo foi para o sul.

Sabina: Mas esse que mora no sul, quando você pensa que ele está no sul, ele está em Itacaré, quando você pensa que ele está em Itacaré, ele está em São Paulo. Você não sabe onde ele está.

Dirce: Quando ele se separou, depois ele conheceu esta moça, alias vieram casar aqui em casa para eu poder assistir o casamento. Então eu nunca sei onde ele está.

Entrevistadora: Então são quatro filhos?

Sabina: Um mora em Minas.

Dirce: O mais velho mora em Minas e a minha filha mora aqui.

Entrevistadora: Eles conheceram o bisavô?

Dirce: Não.

Entrevistadora: O seu marido fazia o que mesmo?

Dirce: O meu marido era piloto de Caça. Primeiro Grupo de Caça, um dos primeiros alunos da escola da aeronáutica.

Sabina: Tem dois filmes que você poderia ver: um é o “Warm Springs” sobre o hospital, que é muito bom, mais documentário, na verdade. O outro é “Senta a Púa” que é um filme feito sobre o primeiro grupo de caça. O coronel não apareceu, pois ele já estava doente e os filhos, ou melhor, os médicos acharam melhor não expor ele. Mas tem a história dele lá. Ele ainda estava vivo quando lançaram o filme, e é muito interessante. No “Warm Springs” você

vai ver, que sobre a pólio, nos Estados Unidos teve 16 mil casos, que é também uma história muito interessante.

Entrevistadora: Tipo uma epidemia.

Terceira pessoa (feminino): Uma epidemia. A dona Dirce por ser muito alta, a pólio é uma síndrome, teve repetição dela.

Dirce: Eu tive duas vezes. Depois da poliomielite, eu tive uma segunda pólio. Os meus dois últimos filhos nasceram com eu já na cadeira de rodas. Tanto o Luis Fernando, que mora em São Paulo, como o Ronaldo que agora está casado de novo. Casou no civil, em casa, para eu poder acompanhar. Então a família infelizmente não pode se reunir tanto. Somente no natal, que a minha filha reúne a família inteirinha, sendo que no dia de Natal o almoço é na casa dela. Mas eu gostaria de poder ter mais contato com os meninos. Mas infelizmente são coisas da vida. As coisas são não exatamente como esperávamos que elas fossem.

Terceira pessoa (masculino): Seu marido foi para a guerra?

Dirce: Ele foi para acompanhar o Primeiro Grupo de Caça. Ele fez um curso na escola da aeronáutica, sabe, a oficial. Logo em seguida já estourou a Guerra, ele se apresentou como voluntário e foi feito prisioneiro, pois o avião dele caiu.

Terceira pessoa (masculino): Este evento da pólio foi depois?

Dirce: Foi depois.

Terceira pessoa (masculino): Na época que ele foi piloto na Itália, ele era solteiro?

Dirce: Era. Nós casamos em 1946. Ele veio da Itália em 1945. Passou maus momentos na Itália, na Guerra. Hoje em dia eu fico pensando como a vida era diferente. Os valores eram diferentes. Realmente essa parte da guerra. Eu estou lembrando que quando o meu avô soube que marcos havia caído com o avião na Guerra, ele foi para a casa da minha sogra.

Dirce: Se ele morreu um ano antes de casar, em 45, ele morreu no final da guerra.

Dirce: Ele morreu um ano antes de casar.

Terceira pessoa (feminino): o coronel caiu no dia 22 de abril?

Dirce: No dia 22 de abril.

Terceira pessoa (masculino): Que história bonita.

Terceira pessoa (feminino): A história é muito bonita, não apenas dela, mas também do coronel.

Entrevistadora: E vocês se conheceram quando?

Dirce: Ele morava na mesma rua que eu. A minha sogra fez um prédio, ela lidava muito com imóveis. Ela mandou fazer um prédio na esquina do beco do pinheiro com a machado de Assis. Dai eles foram morar lá. Antes eles moravam na São Clemente, e foram para aquele prédio. Eu nasci lá, na Machado de Assis. Nos conhecemos assim: ele entrou na escola da Aeronáutica, então o negócio aconteceu porque tinha que acontecer. Ele tinha carro, passava e mexia comigo. Eu era muito menina. Como eu sempre fui muito desenvolvida, alta, eu parecia mais velha. Ele era uma pessoa maravilhosa. Uma pessoa extraordinária. Inclusive o vovô estava doente, quando tiveram as festas do grupo de caças, eu inclusive fui escondida de papai, porque se ele soubesse que eu estava indo para o Cassino da Urca, para despedida, ele ia ficar uma fera. Eu sempre tive “cabelinho na venta”. Mas estamos aí.

Entrevistadora: Mais alguma coisa?

Terceira pessoa (masculino): Você é quem sabe.

Entrevistadora: pergunto pois sempre pode haver alguma coisa. Mas eu acho que é isso, Dona Dirce. Depois eu vou ouvir com calma, escrever um texto. Depois se eu tiver alguma dúvida e precisar de mais alguma informação, eu posso telefonar para a senhora?

Dirce: Pode. Claro!

Sabina: Qual quer coisa tem a Regina.

Dirce: A Regina não sabe de nada.

Sabina: Mas deixa ligar.

Dirce: O telefone da minha irmã é em Brasília. A Eliane é minha cunhada e a Regina é minha irmã.

Sabina: A Dona Eliane tem dia que fala outro não. A Dona Regina pode ser que não esteja.

Dirce: Pode estar na casa da Ângela.

Terceira pessoa (masculino): Tem aquela parenta que trabalha na Associação de adolescentes.

Sabina: É a filha da dona Dirce.

Dirce: É a minha Filha, Tereza Cristina Quintela.

Sabina: Ela tem essa associação de adolescentes.

Dirce: Ela é muito dedicada.

Sabina: O doutor Sergio pegou o seu avô?

Dirce: O Sérgio não pegou o vovô não. Mas a minha filha é a alma da associação. É uma coisa.



Entrevistadora: É uma família de advogados e engenheiros.

Dirce: O meu genro é engenheiro. É o Sérgio Quintela.

Sabina: O Doutor Sérgio, junto com outros, foi quem fizeram a ponte Rio-Niterói.

Dirce: Ele era da Montreal Engenharia, porque Marcos também era da Montreal Engenharia. Minha filha conheceu assim.

Terceira pessoa (masculino): Essa família participou de muitos eventos ligados à história do Rio, do Brasil.

Dirce: Quando Marcos desapareceu, a notícia não podia ser pior.

Sabina: A história dela, da família, a luta da pólio, eu peguei, estou com ela há 16 anos, tem médico que não sabe o que é. Porque a pólio no adulto, com músculo pronto, afeta muito mais. E tem médico que não sabe.

Dirce: Então foi por isso que eu fui para os Estados Unidos. Fomos transferidos para lá pela Aeronáutica brasileira e ficamos uns três anos lá.

Entrevistadora: Está certo.

[Fim do áudio]